

CAMBAXIRRA

"Coitado do rouxinol", diz o nosso presado Villaret. E eu digo que não pretendo ser um rouxinol; mas até cambaxirra está difícil ser. Meu jeito e meu gosto é escrever coisas leves; tenho um pequeno coração frívolo, amo os prazeres do mundo, e se me fisessem um teste daqueles do professor Mira y Lopez com certeza descobririam em mim uma grande vocação para rapaz filho de milionário. E nem rapaz eu sou! Que esplêndida vocação de jovem dissipador a República desperdiçou em mim! Eis-me aqui sentado diante de uma velha máquina, o pobre, a trabalhar.

E escrever sobre que? Falar de Inezita Barroso, que S. Paulo mandou para o "Vogue", e é tão diferente de cantora de "bolte". Tão sem microfone, com um violão tão sem fio elétrico, cantando tão sem truques e sem sofisticação, com tanta alegria, energia, simpatia!

Inezita faz bem: é saúde e graça e beleza. Eu vos receito Inezita que muitas vezes ouvira cantar em casas de famílias amigas, Inezita tão família e Inezita tão amiga.

E se amais corridas de cavalos deveis ir ao Stud-Téo, que é aonde foi o "Ranchinho de Alvarenga". Se não amais tais corridas também podeis ir, visto que eu fui, e gostei. Teófilo de Vasconcelos inventou uma coisa boa e inteligente, com bom uisque a preço tanto quanto possível abordável, autênticas corridas de cavalo em que a gente joga mesmo, moças bonitas e simpáticas, prêmios, dança, e, dependuradas no teto e nas paredes, mil coisas de cavalos célebres, coisas verdadeiras que compõem um verdadeiro museu de turfe e fazem boa decoração.

De coisas assim eu escrevo com prazer, e ainda mais de certas damas que me comovem — mas coitada da cambaxirra! Os tecelões não estão tecendo, falta ao povo comida para comer, não há governo no governo. Há um desassossêgo, uma pressão de baixo para cima, uma insatisfação que ameaça virar revolta. Há quinhentos candidatos a Jânio, há conversas de militares, intrigas de ministros, explorações de partidos.

Como escrever coisas finas quando o verdadeiro assunto do momento é o preço do arroz e o preço do feijão? Os homens que os pobres levaram ao governo se esqueceram dos pobres — e o partido que deveria trabalhar pelos trabalhadores formou uma quadrilha de negócios escusos, de cexins escusos, quadrilha enriquecendo à custa do consumido consumidor.

Pensais acaso que me agrada falar de roubalheiras, de grevés, de gêneros de primeira necessidade, de vargas e outros tais? Não, amigos, o que eu quero é a estrela da manhã. Mas não há um mínimo decente de ordem, há um excesso de desarrumação econômica e moral, a gente vê que no fim de todas as discussões o povo está sempre perdendo a parada, êle está sendo acuado nos últimos redutos da miséria por uma gente que não vê que mesmo esse bicho, qualquer bicho bobo pode virar fera quando é acuado.

Arrumem um pouco esta República, roubem menos, mintam menos, tenham um mínimo de pudor, de providência e de elementar julzo — ou, pelo menos, se não querem mesmo fazer nada, se querem mesmo deixar ficar como está para ver como é que fica, pelo menos, num momento como este, acabem com essa Comissão de Bem-Estar Social, para que os pobres não pensem que vocês ainda por cima estão debochando da pobreza deles.

9/4/53

R. B.